

AATIVIDADE DE EXTENSÃO NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PRIVADO: UM ESTUDO SOBRE A COOPERAÇÃO UNIARA - MEIO PRODUTIVO NA REGIÃO DE ARARAQUARA, SP.

*Helena Carvalho De Lorenzo**

*Sergio Azevedo Fonseca***

*Cassiana Montesião de Sousa****

Introdução

Este texto tem o propósito de relatar e discutir os resultados de um aspecto específico de projeto idealizado e conduzido por duas instituições acadêmicas vinculadas a Universidades regionais situadas no interior do Estado de São Paulo. O projeto, desenvolvido entre os anos de 2002 a 2006, teve como objetivo principal o estudo do desenvolvimento local e as alternativas de sustentabilidade na região de Araraquara e São Carlos¹. Desdobrou-se em vários subprojetos, dentre os quais o subprojeto aqui apresentado e voltado ao estudo das relações entre as Universidades regionais e o meio produtivo.

A escolha desse foco deveu-se a crescente importância da valorização das instituições de ensino e pesquisa que compõem o complexo tecido da sociedade local, que passa a demandar conhecimento em crescentes qualidade e quantidades. Assim, o estudo das Universidades enquanto instituições geradoras e difusoras de conhecimento para o meio externo e das atividades

* Docente do Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente. Centro Universitário de Araraquara - UNIARA. hclorenzo@uniara.com.br

** Departamento de Administração Pública FCL/UNESP, Campus de Araraquara. saf@fclar.unesp.br

*** Bolsa de Iniciação Científica FAPESP. Curso de Administração Pública FCL/UNESP.

1. “Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional: identificação e avaliação de impactos econômicos e ambientais resultantes das principais transformações na estrutura produtiva da Região Araraquara - São Carlos, 1990 – 2005”. Programa de políticas Públicas FAPESP. SP.

de extensão universitária com potencial de contribuição para a geração de conhecimento e tecnologia pode ser considerado aspecto bastante importante para o desenvolvimento local, constituindo-se, por esta razão, em um dos braços deste projeto e foco específico deste texto.

O estudo buscou primeiramente, identificar o perfil das atividades de extensão realizadas pelas unidades universitárias regionais públicas e particulares. Na seqüência procurou selecionar e avaliar aquelas especialmente dedicadas à transferência de tecnologia e conhecimento – capazes, pois de gerar inovações. O esforço final foi de tentar apurar o grau de articulação efetiva ou eventual existente entre as unidades e o meio externo na perspectiva selecionada.

Os resultados mais gerais encontrados mostram que tanto as instituições públicas quanto as privadas encontram dificuldades com a realização da extensão voltada à transferência de tecnologia e inovações, embora por razões distintas (FONSECA; LORENZO, 2002). No caso das instituições privadas a pesquisa mostrou que nem todas as instituições enquadram a extensão universitária em uma política institucional, sendo a maior parte voltada para as atividades de ensino. No caso particular da UNIARA, objeto deste texto, o estudo mostrou que por mais que haja crescente preocupação com a sua participação ativa na comunidade, em grande parte, suas atividades de extensão estão pouco vinculadas à pesquisa aplicada e apenas mais recentemente foi instituída uma política de pesquisa. Por esta razão suas contribuições para a transferência de tecnologia e inovação ainda são bastante restritas.

Referencial teórico para o estudo da extensão e da cooperação universidade – empresa

A reflexão teórica aqui selecionada para subsidiar a construção cognitiva para o estudo das relações entre a universidade - meio produtivo e a atividade de extensão universitária como forma de transferência de conhecimento e inovação em apoio ao desenvolvimento local está apoiada em uma tripla abordagem. Em primeiro lugar, pretende-se compreender o desenvolvimento das relações entre o meio acadêmico e o meio externo, realizadas através das atividades de extensão, suas características mais gerais e suas diferentes modalidades. Interessam à pesquisa destacar as referências teóricas voltadas a atividades especialmente dedicadas à transferência de tecnologia e conhecimento – capazes pois, de gerar inovações e contribuir para o desenvolvimento local.

Em segundo lugar, serão abordados estudos que mostram a importância da participação das universidades na construção dos sistemas locais e regionais de inovação e oferecer base explicativa para o papel da universidade na construção de formas de organização do espaço produtivo articulado

localmente. Na seqüência, serão examinados alguns aspectos da questão da gestão acadêmica das atividades de extensão voltadas à transferência de tecnologia e conhecimento, em razão das prioridades que possam resultar ao se focar prioritariamente a melhoria nas condições de produção de conhecimento na instituição e maior apoio ao desenvolvimento regional ou local.

A cooperação universidade – empresa e as atividades de extensão

O I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão definiu que: “Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade” (PLANO, 2001, p.19 apud FONSECA; LORENZO, 2002, p.2). É por meio das suas atividades extensionistas que as universidades podem apresentar efetivamente suas contribuições e relações com o meio social externo, levando conhecimento e assistência à comunidade, e trazer para a universidade a realidade técnica, econômica e social externa. Trata-se, portanto, de uma forma de interação que deve existir entre a universidade e a comunidade na qual é inserida.

As universidades foram instituídas com a missão de gerar conhecimento científico e formar mão-de-obra qualificada para a sociedade. Essas seriam, segundo Grynszpan (1999), as principais contribuições que a universidade pode oferecer à indústria: a de formar um profissional que seja capaz de inovar e a de transferir conhecimentos passíveis de gerarem inovações.

A incorporação da função de transferir conhecimento para a produção data da revolução industrial. Foi no período das guerras mundiais que a correlação entre ciência, universidades e defesa nacional tornou-se mais estreita. A partir de então, em alguns países, há uma relação socialmente determinada por atores múltiplos que incluem o Estado, a Universidade e a Empresa. (CHAIMOVICH 1999, p.18).

Para caracterizar a evolução das atividades desenvolvidas entre o meio acadêmico e o meio externo selecionamos dois autores (WEBSTER; ETZKOWITZ, 2001) que analisam a longa tradição destas relações na história das universidades européias e norte-americanas. Conhecida como 1ª revolução acadêmica, a introdução da pesquisa na academia começou a ser encorajada a partir do século XIX, tendo o Estado como provedor. Já no século XX, principalmente em países como EUA e Japão a história institucional da pesquisa na universidade foi marcada por fortes pressões, por parte dos governos, para que o ensino e pesquisa dessem dividendos econômicos e que se reduzisse a participação dos governos nessa atividade. Essas pressões ficaram conhecidas como a 2ª revolução acadêmica e caracterizam uma fase marcada pela presença de professores e pesquisadores incentivados mais por seu esforço individual

do que por estruturas acadêmicas organizadas. Nas primeiras instituições científicas as atividades de Pesquisa e Desenvolvimento eram atividades mais voltadas à compreensão dos conhecimentos estabelecidos nas aulas práticas. (WEBSTER; ETZKOWITZ, 2001).

No mundo contemporâneo, a noção de pesquisa científica aparece estreitamente ligada com a noção de desenvolvimento tecnológico. Pode-se dizer que P&D, atualmente abrangem um conjunto de procedimentos de investigação, a partir das análises teóricas em todos os campos de ciência e tecnologia. Atualmente, como se sabe, o desenvolvimento de tecnologias é fator fundamental para o desenvolvimento econômico de um país e torna-se necessário, mais do que nunca, somar esforços públicos e privados para melhorar a capacidade tecnológica de uma população.

A disseminação de conhecimentos e tecnologias, por parte das Universidades, por meio de suas atividades de extensão, iniciou-se, no Brasil, a partir dos anos 70, com os processos de cooperação universidade-empresa com o intuito de alavancar o desenvolvimento tecnológico do meio produtivo interno (KRAHE, 1993). Para Stal et al. (1999, p.47), “a necessidade crescente de conhecimentos científicos para o alcance do progresso técnico, simultaneamente ao encurtamento do ciclo tecnológico das inovações e aliada ao fenômeno da globalização dos mercados, vem exigindo dos atores envolvidos no processo de geração e difusão de inovações esforços no sentido da intensificação das práticas da cooperação tecnológica”.

De acordo com Plonski (1992) a cooperação U-E (universidade-empresa) é um modelo de arranjo interinstitucional entre organizações de natureza fundamentalmente distinta, que pode ter finalidades diferentes e adotar formatos bastante diversos. Pode ocorrer de diversos modos e utilizar diversos instrumentos. Santoro e Chakrabarti (2002) destacam quatro alternativas de cooperação U-E: apoio a pesquisas, pesquisas conjuntas, transferência de conhecimento, e transferência de tecnologia. Mas também podem existir projetos, programas, consultorias, repasse de documentação, de pesquisas e outros.

Estão envolvidos nesse processo: a **universidade** e suas estruturas próprias, o professor universitário, seus alunos; a **empresa** e suas estruturas, os dirigentes da empresas e seu pessoal técnico; o **governo**, as instituições de intermediação, etc. Todos os agentes desempenham papéis importantes para o êxito da interação. Entretanto, em termos concretos, a interação entre instituições com objetivos, valores e interesses tão diferentes não é de fácil concretização. É necessário, como pré-condição para o estabelecimento de parcerias entre U-E que haja uma definição clara das missões e dos papéis sociais de cada parceiro e o respeito pelas diferenças de objetivos.

Segundo Terra (2001), as empresas estão buscando a criação de produtos inovadores, competitivos e de sucesso no mercado global. Os governos vêm procurando desempenhar um papel indutor neste processo de criação, enquanto as universidades estão se transformando para adequar a produção de conhecimento às demandas regionais com vistas aos objetivos nacionais.

Cada vez mais a sociedade requisita a universidade, a sair do seu isolamento e participar mais ativamente e de forma mais visível na realização de atividades que visem a promoção do desenvolvimento econômico e social da região ou do país (FERREIRA; VASCONCELOS, 2000; PLONSKI et al., 1992). Nesse sentido, a interação entre universidade e empresa é pré-requisito indispensável para a materialização dos avanços tecnológicos e para maior utilização socioeconômica dos conhecimentos científicos e tecnológicos produzidos.

O papel indutor desempenhado pelo governo completa esse modelo de interação garantindo a participação efetiva desses atores no desenvolvimento econômico e social do país. Uma vez que, somente através da elaboração de políticas públicas suprapartidárias de C&T, claras e bem definidas, com relação as suas metas e a sua estrutura, como parte integrante de seu plano econômico, é que se terá a base sólida do tripé de sustentação da interação universidade com o setor produtivo. (STAL; MORAES, 1994; TERRA, 2001).

Para que o processo de cooperação U-E tenha sucesso é necessário que faça parte da política da Instituição. Cabe à universidade formular um conjunto de regras simples e claras que regulem suas relações com cada parceiro em particular, respeitando as peculiaridades de cada processo, visando minimizar as barreiras ao processo de cooperação.

É dessa forma que a universidade estará participando mais efetivamente do esforço de desenvolvimento científico, tecnológico e econômico do País, exercendo com mais eficácia seu papel social.

A universidade e a construção de um sistema local/regional de inovação

No final dos anos 80, no contexto da globalização, as relações entre a universidade e o meio produtivo passaram por novas transformações ampliando-se o incentivo à criação de ambientes apropriados para a pesquisa, com a finalidade de alcançar resultados econômicos em decorrência de produção de conhecimento. Esta finalidade passou pela necessidade de países e regiões construírem um sistema nacional de inovação e prepararem atores, integrantes deste sistema, para interagirem com o objetivo de alcançarem metas de desenvolvimento econômico. (LUNDVALL, 1992).

Esses autores privilegiam a importância da dimensão espacial da inovação, que possibilitam a formação de sistemas localizados de inovação

como uma confluência social e institucional de características histórico culturais no que se refere à inovação. Freeman, (1987) e Lundwall, (1992), por exemplo, definem sistema nacional de inovação como um sistema constituído por elementos e relações que determinam em grande medida a capacidade de aprendizado de um país e, portanto, aquela de inovar e de se adaptar às mudanças do ambiente. Mostram que, além da diversidade histórica entre países ou regiões que contribui para criação de diferentes trajetórias tecnológicas, o conhecimento tecnológico é gerado por um aprendizado inteiramente interativo e com caráter localizado, o que permite a definição de algo próximo de um sistema produtivo e inovativos regionais ou locais. Ressaltam assim a importância das instituições, principalmente instituições de ensino e pesquisa – nos âmbitos nacional, regional e local.

Nas universidades brasileiras², segundo Segatto (1996), a relação com o setor produtivo, que teve sua origem com a criação da Escola Politécnica da USP, começou a acelerar-se nos anos 70 com os primeiros casos de interação com o setor produtivo provenientes do IPT e de outras instituições. Essas interações estavam quase sempre voltadas às áreas tecnológicas. No entanto, naquela época prevalecia um tipo de aproximação entre as partes envolvidas baseada em relações pouco institucionais e, ainda muito dependentes de relações pessoais. Mais recentemente, muitas vezes buscando seu papel na formação de sistemas de inovação, as universidades, que até então se limitavam a preparar pessoas para capacitação profissional, tiveram seu papel ampliado no estabelecimento de novas relações com as empresas e o governo em suas diversas esferas institucionais.

Analisando esses dois grandes momentos de transformações nas relações entre a universidade e o meio produtivo, Elzkowitz e Leidesdorff (1998) mostram que, o que era constituído como uma interação bipolar (universidade-empresa) passa a ser uma interação multipolar, composta pela universidade, setor produtivo e governo em seus vários níveis, como atores que interagem.

Atualmente, consórcios e parcerias para a execução de projetos são cada vez mais buscados para superar as limitações e aumentar a flexibilidade de cada instituição de ensino e pesquisa. (SEGATTO, 1996).

Mesmo as instituições que se concentram no ensino de graduação, com poucas atividades paralelas de pesquisa, a interação com o meio produtivo

é possível. No entanto, as que atuam em pós-graduação as possibilidades são maiores. Segundo Segatto (1996), os principais fatores que possibilitam o desenvolvimento da interação e das relações entre as universidades e meio produtivo dizem respeito às vocações institucionais e ao estudo das oportunidades regionais e locais frente as potencialidades de cada instituição. Também o cuidado em selecionarem docentes e a política institucional da universidade são fatores que possibilitam construir as prioridades de extensão universitárias articuladas com outras atividades universitárias de ensino e pesquisa. (PLONSKI, 1999)

A gestão acadêmica das atividades de extensão e os mecanismos facilitadores do processo de interação

Uma última consideração teórica que cabe mencionar, quanto à relação universidade – meio produtivo diz respeito à gestão acadêmica de extensão universitária e aos mecanismos facilitadores do processo de inovação e de transferência de conhecimento. Em primeiro lugar, cabe analisar como são concebidas e estabelecidas as prioridades para a extensão, Plonski (1999) mostra que, em geral, a concepção da extensão oscila entre duas posições extremas: as assistenciais e a empresarial. Na primeira, a extensão refere-se a uma atividade destinada as populações carentes ou, mais modernamente, com a finalidade de marketing institucional. Na segunda, a extensão é vista como uma prestação de serviço externo, principalmente para empresas interessadas em consultoria, administração e educação continuada. Em geral, esses serviços são remunerados. A partir dessas duas prioridades, Plonski (1999) mostra a importância de uma terceira posição, onde não haja assistencialismo, pois a extensão poderia ser concebida para atender a demanda manifestas. Por outro lado, as relações com o meio produtivo e mesmo com governos, poderiam ser estabelecidas com *feed-back*. Nesse caso, o importante é a compreensão de que a lógica do mercado não pode ser ignorada, mas certamente ela não traz para a universidade, e tão pouco para o desenvolvimento local, uma solução para todos os problemas. Este aspecto torna-se bastante significativo para o caso das instituições particulares, nas quais nem sempre há um direcionamento claro das atividades e extensão.

Neste sentido a gestão requerida volta-se ao estabelecimento de prioridades que possam significar para as instituições, melhoria em sua capacitação e acumulação de conhecimentos. Nesta direção, segundo Brisolla (1993), dentro da universidade a questão da tecnologia endógena é uma questão de identidade. Iniciativas em pesquisas, orientadas em função da tecnologia endógena, podem criar uma demanda de conhecimentos novos e estabelecer uma complexidade, com projetos sobre os assuntos academicamente mais valorizados, enriquecendo assim a variedade de trabalhos universitários.

2. As universidades brasileiras têm dois conceitos pragmáticos em sua constituição. O primeiro é a autonomia universitária; o segundo é a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Esses dois conceitos têm que ser considerados simultaneamente, conforme citado na constituição Federal (EC.14) e na lei n. 9.394, Lei de diretrizes e Bases (LDB) o que se opõe ao exposto.

A interação entre universidade e empresa tem sido, portanto, apontada como uma das maneiras de se alavancar o desenvolvimento tecnológico regional. No entanto, o estabelecimento de atividades entre essas instituições não é de fácil concretização. Um dos grandes problemas da relação universidade-empresa é a gestão acadêmica dos processos de transferência de tecnologia e conhecimento. Para o estabelecimento de redes de cooperação estáveis, Ferreira e Vasconcelos (2000) apontam sete dimensões a serem consideradas na análise e gestão da interação universidade-empresa, a saber:

- A política de interação do organismo de pesquisa com seu ambiente industrial;

- A conduta da interação durante a vida do projeto,
- A preparação da transferência dos resultados,
- A negociação e as condições dos contratos,
- A conduta da transferência,
- A harmonização das representações dos parceiros, e
- A interação durante o processo de industrialização dos resultados.

No entanto, nem todo professor/pesquisador está apto para conduzir tais mecanismos. Para Terra (2001), tais atividades deveriam ser de incumbência de certos organismos criados para administrar, com uma abrangência estratégica, a apropriação, a divulgação e a comercialização de todo o conhecimento de base tecnológica gerado dentro dessas instituições e destinados à inovação tecnológica na região onde a universidade está instalada. A idéia é ter um órgão que aja como um gerenciador das interfaces institucionais, servindo de interlocutor entre o meio acadêmico e o empresarial, procurando desburocratizar e agilizar os procedimentos administrativos, facilitando a elaboração e execução de contratos.

Essas interações, particularmente no Brasil, ocorrem, fundamentalmente, a partir das universidades públicas. São elas que desenvolvem atividades de pesquisa e que, em decorrência acumulam conhecimentos capazes de converterem-se em inovações.

Contrariamente, a tradição das instituições privadas de ensino superior no país é a de dedicar-se às atividades de ensino. A tradição de pesquisa sempre esteve, portanto, restrita às universidades públicas. Ademais, a extensa maioria da literatura abordando a questão da cooperação e da transferência de tecnologias e conhecimentos enfoca apenas casos relacionados a universidades públicas.

É esse contexto que insere e valoriza ainda mais a presente pesquisa. Por diferenciar-se, na abordagem, da grande maioria dos estudos e pesquisas realizados, o presente trabalho apresenta um estudo no contexto das contribuições das instituições de ensino superior privado – enquanto instituição geradora e difusora do conhecimento – para o meio social externo, por meio de suas atividades de extensão.

Metodologia

O objetivo central desta pesquisa foi o de avaliar os mecanismos de transferência de conhecimento e tecnologia oriundos UNIARA, uma das Instituições de Ensino Superior (IES) privadas de Araraquara, por meio das atividades de extensão.

Inicialmente o trabalho teve como intuito verificar como vem mudando na IES a questão da articulação ensino, pesquisa e extensão. Isso porque, tradicionalmente, as instituições privadas se concentram no ensino, diferentemente do que acontece nas universidades públicas.

Os conceitos e definições sugeridos nesta seção têm como fundamento, as afinidades entre as diferentes atividades, com base nas suas respectivas funcionalidades. As categorias aqui utilizadas foram identificadas e testadas por Fonseca e Lorenzo (2002). São as seguintes:

Atividades assistenciais. O significado é o de atendimento, pela universidade, a necessidades ou carências de pessoas ou grupos sociais selecionados. Os efeitos são a superação, muitas vezes apenas momentânea, das necessidades supridas. São enquadráveis aqui os atendimentos, orientações, tratamentos, consultas e outros;

Eventos artísticos e culturais. Essa é uma categoria de classificação inequívoca, dispensando maiores cuidados conceituais. Engloba concertos, mostras, exposições, shows e outros;

Atividades de disseminação do conhecimento. Aqui estariam contidas as ações empreendidas pela universidade, com a finalidade de divulgar, sem endereço certo, e sem a necessária continuidade, seus conhecimentos gerados ou armazenados. Os efeitos são os oferecimentos de condições para a ampliação ou a melhoria da qualificação ou formação das pessoas abrangidas. Compreendem toda a gama de cursos, eventos técnico-científicos, treinamentos, publicações e outros;

Prestação de serviços. Essas são atividades pelas quais, a universidade, fazendo uso de suas estruturas, competências e qualificações, humanas, físicas, técnicas, laboratoriais e outras afins, buscam oferecer respostas a demandas explicitadas por empresas, instituições públicas, organizações sociais, ou ainda pessoas físicas. Os efeitos almejados são a tentativa de solução dos problemas apresentados. Nessa categoria estão contidos os estudos, diagnósticos, ensaios, pareceres, laudos, as assessorias e outros similares;

Transferência de tecnologia e conhecimento. Para a universidade as atividades de transferência de tecnologia e conhecimento realizam-se quando ocorre uma interação inter-institucional, em que conhecimentos e tecnologias, desenvolvidos e existentes no interior da universidade, são transferidos às instituições externas e absorvidos por elas, por meio de um processo de desenvolvimento de capacitações próprias. São projetos, programas, pesquisa conjunta, consultorias, repasse de documentação de pesquisa e outros. Os principais resultados alcançados são a ampliação da capacidade para inovar,

por parte dos agentes receptores da tecnologia e do conhecimento e não menos importantes a própria geração de inovações.

É nessa última modalidade particular de atividade de extensão que o estudo focou mais suas atenções. Pela sua centralidade no âmbito deste texto, julgou-se conveniente buscar algum aprofundamento conceitual em torno dos conceitos de transferência de tecnologia e conhecimento e de inovação.

O trabalho foi estruturado pelas seguintes etapas:

- Identificar a intensidade com que praticam atividades de extensão.
- Verificar qual a articulação entre extensão, ensino e pesquisa.
- Pesquisar quais foram os projetos de extensão do período 2002-2006.
- Identificar o perfil das atividades de extensão realizadas pela IES, enquadrando tais atividades dentro de uma das cinco categorias, propostas por Fonseca e Lorenzo (2002) aqui mencionadas.
- Selecionar os projetos de extensão que resultaram ou contribuíram para a geração de inovações tecnológicas.
- Identificar quais organizações lograram inovar a partir do processo de transferência de conhecimento e de tecnologia.
- Coletar, nas organizações selecionadas, os dados que demonstram os frutos da transferência de conhecimento e tecnologia.
- Analisar, quais os impactos nessas organizações que são resultantes das inovações difundidas a partir dos conhecimentos absorvidos.
- Verificar a possibilidade de melhoria das inovações tecnológicas mediante a continuidade das relações entre a Universidade e as organizações.
- Avaliar o potencial de contribuição, e seus benefícios, das atividades de extensão da IES para o desenvolvimento local e regional.

Trata-se de uma pesquisa exploratória, pelo fato de ser uma tentativa pioneira de se identificar, tipificar e quantificar as atividades de extensão na instituição selecionada; também pelo pouco conhecimento sistematizado que se possui a respeito do objeto a ser pesquisado e, ainda, porque seus resultados não poderão ser generalizados, restringindo-se a conclusão ao caso estudado.

A pesquisa deu-se na forma de estudo de caso, já que a organização pesquisada tem suas peculiaridades e características diferentes, por meio das quais foram obtidas as informações necessárias.

Na fase de coleta de dados foram utilizados roteiros para entrevistas semi-estruturadas aplicadas com os responsáveis pelas atividades de extensão de cada instituição investigada.

Os dados coletados foram confrontados e analisados com a finalidade de estabelecer relações entre os mesmos e as respectivas fontes, tendo em vista as características da instituição universitária como disseminadora de conhecimento e tecnologia.

Uniara: instituição e pesquisa

Os primeiros cursos superiores da Uniara – Direito, Ciências Econômicas e Administrativas, e Educação e Estudos Sociais – foram criados em 1969. A partir de 1997, com a criação de outros cursos nas três áreas do saber – Exatas Humanas e Biológicas, a então Fefiara – Federação das Faculdades Isoladas de Araraquara recebeu o credenciamento necessário para se constituir em Centro Universitário de Araraquara – Uniara.

Em sua configuração atual a instituição possui quatro campi, por onde se distribuem mais de seis mil alunos de graduação dos seguintes cursos: Administração, Arquitetura e Urbanismo, Biomedicina, Ciências Biológicas, Direito, Economia, Educação Física, Enfermagem, Engenharia de Computação, Engenharia de Produção, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecatrônica, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Jornalismo, Medicina, Nutrição, Odontologia, Pedagogia, Publicidade e Propaganda, Psicologia, Sistemas de Informação, Terapia Ocupacional, Turismo com ênfase em Hotelaria, Estética e Cosmetologia.

A instituição tem uma história bem recente no que se refere à pesquisa. Apenas em 1999 foi instituída a iniciação científica como um programa institucional. Atualmente está também integrada ao programa PIBIC/CNPq. A partir de 2002, com a implantação de uma política interna de pesquisa foi organizado um programa de pós-graduação, que teve como ponto de partida um estudo sobre as características da pesquisa que vinha se desenvolvendo na instituição. O curso de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, com características diferenciadas, perfil multidisciplinar foi recomendado pela CAPES em 2003. Desde então a instituição vem buscando conhecer-se, definir suas vocações quanto à pesquisa e desenvolver um projeto de avaliação institucional de qualidade em pesquisa.

Tabela 1. UNIARA: Ensino – Pesquisa – Extensão

| ENSINO | 02/06 | PESQUISA* | 02/06 | EXTENSÃO | 02/06 |
|------------------------------|-----------|---------------------------------------|-----------|------------------------|-----------|
| GRADUAÇÃO | 30 | FUNADESP | 87 | PROJETOS | 83 |
| - Saúde | 8 | - Saúde/Biológicas | 38 | - Comunicação | |
| - Biológicas | 4 | - Humanas | 9 | - Escrita e Eletrônica | 7 |
| - Humanas | 3 | - Ciências Sociais Aplicada | 20 | - Meio Ambiente | 6 |
| - Engenharías | 5 | - Tecnológicas | 10 | - Saúde | 24 |
| - Ciências Sociais Aplicadas | 8 | - Multidisciplinar | 10 | - Tecnológicas | 1 |
| - Tecnológicas (2 anos) | 2 | CNPQ/FAPESP | 8 | - Educação | 4 |
| | | - Projetos financiados | 3 | - Turismo | 2 |
| POS-GRADUAÇÃO | 1 | - Diretório de pesquisa (grupos/CNPq) | 5 | - Direitos Humanos | 3 |
| - Mestrado | 1 | INICIAÇÃO CIENTÍFICA | | - Cultura | 17 |
| | | - Programa PIC | 88 | - Cursos | 23 |
| | | - FAPESP/CNPQ | 78 | | |
| | | - PIBIC/CNPQ | 10 | | |

* Projetos de pesquisas com financiamento e acompanhamento institucional.

Uniara: as atividades de extensão

Buscou-se identificar as atividades de extensão na UNIARA e enquadrá-las em uma das cinco categorias de atividades extensionistas, já mencionadas, propostas por Fonseca e Lorenzo (2002). Como são retratados no quadro abaixo, foram identificados os seguintes projetos ou atividades, dando preferência para aqueles realizados no período de 2000 - 2004 e 2006.

Tabela 2. Evolução da Extensão – UNIARA

| Categoria de atividade | 2004 | 2006 |
|-------------------------------|-------------|-------------|
| Assistenciais | 16 | (12)* |
| Artísticas e Culturais | 04 | 23 |
| Disseminação de Conhecimento | 21 | 35 |
| Prestação de Serviços | 06 | 25 |
| Transferência de Conhecimento | 04 | (13)* |
| Total | 51 | 83 |

*Não há projetos voltados especificamente para estes fins. Mas foram detectadas características das modalidades mencionadas nos diversos projetos elencados.

Até 2004, a Uniara concentrava-se suas atividades de extensão em projetos de disseminação de conhecimento e assistenciais. A primeira engloba a uma gama de cursos e treinamentos para profissionais da área da saúde, como também cursos de música e teatro para crianças carentes. Quanto às atividades assistenciais, merecem destaque a área jurídica, no atendimento a pessoas de baixa renda na questão de Direito da Família, e os atendimentos na área da Saúde, com destaque para a Clínica Integrada Uniara Saúde. São as atividades de prestação de serviço e transferência de conhecimento que mais demonstram uma maior articulação com o ensino, pesquisa e extensão.

No período 2004 – 2006 puderam ser observadas significativas mudanças quantitativas que, no entanto, não correspondem plenamente a mudanças qualitativas, embora estas últimas também tenham sido observadas. Um aspecto relevante é o de que não existem mais projetos puramente assistenciais. Embora características assistenciais possam ser detectadas, a instituição vem atendendo muitas demandas, principalmente da prefeitura municipal e da área da justiça, nos casos de projetos voltados à saúde e aos direitos humanos. Contudo, apesar das parcerias, ainda não se observa um feed back de conhecimentos, registrados em forma de relatórios de extensão ou de publicações periódicos em números significativos que permitissem um acúmulo de conhecimento científico na instituição. Pode-se mesmo inferir que boa parte desse conhecimento se perde na medida em que não é trabalhado.

As contribuições da Uniara para a inovação

A etapa posterior da pesquisa consistiu da tentativa de identificar as iniciativas particulares desenvolvidas na instituição e que tenham propiciado a geração de inovações em instituições parceiras externas. Para tanto, foi feita uma análise dos objetivos explicitados na documentação levantada na etapa anterior. E entrevistas foram aplicadas com os responsáveis pelas atividades selecionadas nas Instituições e com as organizações parceiras. Buscou-se, com isso, apurar as origens das iniciativas, a vocação da instituição para a contribuição com a inovação em organizações parceiras, os moldes dessas organizações e o raio de abrangência dessas contribuições.

A pesquisa mostrou que a extensão desenvolveu-se a partir das características próprias da Instituição. O quadro que segue destaca algumas ações que resultaram em inovações.

Quadro 1. As inovações da UNIARA

| Categorias | Iniciativas | Inovações |
|---|--------------------|--------------------------------|
| Transferência de conhecimento | 04 | Indícios de inovações diversas |
| Prestação de serviços | 04 | Indícios de inovações diversas |
| Outras (assistenciais e disseminação de conhecimento) | 05 | Indícios de inovações diversas |

Na Uniara, foram identificadas 13 iniciativas com indícios de geração de inovações e de transmissão de conhecimento. São ações desenvolvidas por meio de parcerias e relacionamentos, entre docentes, centros ou núcleos de pesquisa com empresas e outras instituições. Julgou-se que tais iniciativas propiciaram inovações por possibilitarem capacitação de ação ou mudanças em processos.

Deve ser ressaltado que, na Instituição, houve a presença da articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão, mas a presente pesquisa ainda foi limitada, tendo abrangido apenas 7 dos cursos existentes.

Dentre os projetos mais significativos que podem ser destacados estão os trabalhos realizados pelo Núcleo de Estudos em Gestão, Produtividade e Qualidade nas Empresas. A título de exemplo, destacam-se os projetos desenvolvidos junto a uma micro-empresa instalada na Incubadora de Araraquara, visando complementar o seu PCP - Planejamento e Controle da Produção. Além da participação da agência de fomento CNPq através do Prêmio BITEC, o qual é concedido aos melhores projetos dos participantes do programa de Bolsa IEL – contou com a parceria Sebrae - CNPq de apoio ao Desenvolvimento Tecnológico de Micro e Pequenas Empresas. Tal programa representa oportunidade ímpar de promover a interação empresa-escola no âmbito de Araraquara e região. Um aspecto relevante tem sido o estreitamento de relacionamentos com as empresas da região. Este tem se manifestado por meio de cursos de especialização com caráter mais específico para

cada tipo de empresa e, portanto, mais especializado. Além dos professores da instituição, estes cursos contam com a experiência de profissionais das empresas focalizadas.

Ampliando as parcerias na área de gestão da produção foi desenvolvido um software para gerenciamento em indústrias na região, principalmente no segmento têxtil em município da região. Ainda no que se refere à produção de conhecimento pode ser citado o desenvolvimento do produto - EPT - elevador para piscina de terapia, que representou a primeira patente obtida pela instituição.

A instituição desenvolve algumas parcerias de extensão com a prefeitura municipal na área de disseminação do conhecimento, que se realiza por meio de cursos de treinamento e capacitação. No entanto, há projetos de parcerias (nesse caso com grande proximidade com o Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) onde podem ser observados claros indícios de inovações, principalmente em gestão e políticas públicas. É o caso de um projeto organizado no âmbito do acordo de Cooperação Brasil - Itália, com o objetivo de formatar um consórcio voltado ao desenvolvimento local e regional em apoio tecnológico para micro e pequenas empresas e do projeto voltado ao estudo das possibilidades de melhorias nos assentamentos rurais presentes na região.

Pode-se destacar também o projeto realizado por iniciativa do Centro de Estudos Ambientais - CEAM, também com grande proximidade com o Programa de Mestrado e os Cursos da Graduação, contribuindo para a integração das atividades de ensino, pesquisa e extensão. O objetivo do programa em parceria com a Coordenadoria de Meio Ambiente do Município de Araraquara, foi o de capacitar líderes, gestores e multiplicadores, entre técnicos, lideranças comunitárias e de organizações para que possam entender os princípios de um sistema de gestão orientado para a sustentabilidade. O programa estava em vias de ser difundido para outros municípios.

Sob a perspectiva do posicionamento geográfico, ou do potencial de geração de inovações, observou-se que a tendência é de manter relacionamentos com o meio local, tanto com empresas quanto com a Prefeitura Municipal.

Diferentemente de outras instituições regionais, as iniciativas para a realização de atividades de extensão partiram da instituição, que quase sempre buscou contribuir com a comunidade. Apenas mais recentemente a noção de parceria tem norteado os projetos de extensão. Para todas as atividades de extensão desenvolvidas pela instituição o forte é a articulação com o ensino, pois há uma preocupação dos professores de aliar a teoria com a prática, envolvendo os alunos nessas atividades.

Pelo que se apurou, a Instituição está vocacionada para contribuir com a inovação em instituições prestadoras de serviços de interesse local, notadamente a Prefeitura Municipal.

Relações com instituições externas

As atividades desenvolvidas em relacionamentos com instituições externas pela UNIRA quase sempre foram de iniciativas externas, viabilizadas por contatos interpessoais e informais mantidos com seus professores e alunos. Os motivos da busca de relacionamento, por parte das organizações externas entrevistadas foram elencados, a sujeitos levando-se em consideração a sua ordem de importância.

Devido aos inúmeros cursos da UNIARA nas diferentes áreas, não há uma linearidade nas motivações das instituições externas pela busca de relacionamento. Dessa forma, por exemplo, o que moveu a Coordenadoria de Meio Ambiente a desenvolver projeto de coleta seletiva no Município com a participação do CEAM-UNIARA foi a busca pelo apoio técnico em algumas fases do projeto. Já para o Projeto Reintegra Brasil, a razão foi utilizar os Recursos Humanos da universidade no atendimento pedagógicos aos integrantes do Projeto. A SACHS vê o relacionamento com a Universidade uma oportunidade de encontrar ótimos estagiários, esse interesse vem se ampliando e um outro exemplo do interesse das empresas pela escola é o da Lupo S/A, que vem buscando parcerias em varias áreas.

Quadro 2. Motivações entre as instituições externas

| |
|--|
| Obtenção de apoio técnico para solução de problemas; Ter acesso aos recursos humanos da universidade; Identificação dos melhores alunos para contratação; Realização de atividades/projetos com custos reduzidos ou quase zero; Ter acesso aos laboratórios e equipamentos; Aquisição de novos conhecimentos. |
|--|

Os relacionamentos com a Uniara apresentam um ponto importante que são a continuidade dessas relações, alguns projetos têm duração de mais de ano como é o caso do convênio com a Escola Técnica Industrial. De um modo geral, as instituições externas avaliaram positivamente tanto o apoio das IES nos projetos, seja pelo fornecimento de estrutura física e equipamentos, ou pela disponibilidade de pessoal para o andamento do projeto.

O projeto de implementação do processo de melhoria contínua na Sachs, desenvolvido pelo departamento de Engenharia da Produção da Uniara, bem como os casos da INEPAR e da FMC são exemplos da capacitação de agentes externos que, ao absorver os novos conhecimentos, levem-nos para a organização onde atuam; ou de capacitação institucional, pela continuidade na utilização dos métodos apreendidos ainda que o projeto já tenha se encerrado.

Considerações finais

Sobre as diferentes concepções de extensão universitária

Os resultados obtidos mostram que há um consenso sobre o que deva ser a atividade de extensão, entendida como face aparente da universidade para a comunidade local. Mas não há clareza de que a extensão pode se constituir, além dessa face aparente da instituição, em uma importante fonte de novos projetos e acumulação de conhecimentos. A extensão, assim precisaria ser concebida como fonte e origem de novos conhecimentos. Também sua prática se mostra bastante diferenciada, dentro da própria estrutura interna da instituição.

O número de atividades que resultaram em transferência de conhecimento é bastante baixo. O que se apurou, é que há uma deficiência considerável na formulação dos projetos de extensão, o que decorre principalmente da falta de informações acerca das atividades de extensão. Para dar uma idéia, uma das atividades de extensão apresentou sensíveis indícios de inovação: trata-se de um convênio entre a referida instituição e a Secretaria de Trânsito do Município de Araraquara, mas ao tentar obter maiores informações acerca dessa atividade, como por exemplo, qual foi o resultado dessa parceria para a Secretaria, isso não era de conhecimento da Instituição de Ensino. Ao procurar a Secretaria de Trânsito de Araraquara, a resposta dada foi a de que tinham conhecimento desse convênio, mas como ele foi realizado na gestão passada, ninguém soube esclarecer qual era sua finalidade.

A experiência da Uniara, quanto à atividade extensão, é vista, portanto de forma mais ampla, envolvendo tanto as atividades artísticas, culturais e desportivas, destaca-se, aqui o forte apoio prestado pela instituição às atividades esportivas, especialmente na modalidade basquete masculino. No caso do atendimento à população nas diversas áreas da saúde, por meio de muitos programas, observou-se um sensível avanço quanto ao envolvimento institucional. Sendo de início de caráter fortemente assistencial, tende a voltar-se ao treinamento de alunos conforme a instituição se desenvolve principalmente nas áreas da saúde. Nesse sentido, a instituição contribui para o desenvolvimento de políticas públicas que se viabilizam graças a convênios mantidos com o SUS e a Prefeitura Municipal.

No que toca à transferência de tecnologia, a Uniara tem um forte potencial de geração de inovações, não encontrando barreiras e/ou entraves internos nesse processo. Mesmo assim, a Instituição ainda não possui tradição em realizar contratos de parcerias, pois falta uma estrutura interna que estimule e administre essas ações, resultando que a maioria dos projetos surge de relações informais, a partir de contatos de docentes ou estagiários com empresas. Por esta razão, a sua participação na construção de um sistema local de inovações ainda é bastante restrita.

Para alguns professores entrevistados, uma vez que a instituição tem a preocupação de transmitir conhecimentos básicos, às vezes, distantes da prática, a aproximação desta com organizações que têm por objetivo a sobrevivência em ambientes competitivos e, portanto, que necessitam estar constantemente atualizada para atingir ganhos qualitativos, apresenta-se como uma oportunidade ímpar de conhecimento da realidade empresarial e obtenção de novas informações para o ensino.

Foi possível constatar que em poucos casos, as inovações geradas tiveram como origem projetos de pesquisa aplicada ou de transferência de tecnologia ou conhecimento. Foram resultantes, em grande parte, das atividades de disseminação de conhecimento ou de prestação de serviços.

Dificuldades observadas para a interação

Observou-se que a atividade de extensão, como forma institucional de aumentar a interação entre a universidade e o meio externo, vem aos poucos se enquadrando em uma política da instituição, que ainda se preocupa prioritariamente com o ensino. Neste sentido a implantação de plano de carreira docente é apontada pelos docentes como peça importante para o avanço da pesquisa.

Apurou-se que embora não haja amarras e restrições à efetivação de convênios e parcerias entre a Instituição de Ensino e o meio empresarial e organizacional externo, a não existência de uma estrutura que administre essas ações cria certa deficiência para alguns departamentos e cursos que não têm uma experiência na condução de pesquisa aplicada.

Identificou-se, em uma das entrevistas feitas com as organizações parceiras externas, que um empecilho à aproximação escola-empresa advinha da rotatividade da diretoria da Empresa Júnior, uma vez que essa mudança poderia representar uma interrupção do ciclo do projeto.

Verificou-se também a inexistência de políticas bem definidas, tanto para a divulgação do potencial da instituição na contribuição para a transferência de conhecimento e desenvolvimento local, como para o incentivo do surgimento de ações dentro da própria estrutura universitária. Tal fato justifica uma elevada proporção de atividades e projetos nascidos de demandas externos, muitas vezes impulsionados por relacionamentos interpessoais por meio da participação dos pesquisadores e professores em fóruns, eventos, e de alunos atuando como estagiários em empresas.

Potencial de contribuição ao desenvolvimento local

A pesquisa revelou que, embora a unidade possua um bom relacionamento com a comunidade local, especialmente por intermédio das atividades disseminação de conhecimentos, das atividades assistenciais e da

prestação de serviços, suas contribuições para a inovação nas organizações locais, públicas e privadas, ainda são parcas. Mas alguns indícios de superação desse quadro já puderam ser registrados, por iniciativas tanto da instituição, quanto individuais, como se seguem: 1) a interação existente entre o curso de mestrado e instituições públicas, notadamente prefeituras municipais, têm-se ampliado; 2) a integração entre os cursos de graduação também vêm se ampliando na área de saúde, na qual vários trabalhos já vêm sendo realizados de forma integrada, por meio da Clínica Integrada Uniara - Saúde; 3) os trabalhos na área de Direito que envolvem grande trabalho de capacitação de alunos e profissionais da região; 4) os trabalhos do Núcleo de Estudos em Gestão, Produtividade e Qualidade nas Empresas, com a questão da integração empresa-escola. Participam destes projetos alunos de graduação em Administração de Empresas, Economia, Engenharia de Produção, da Pós-Graduação em Administração de Empresas que militam em empresas da região, além de professores de graduação e de Pós-Graduação.

Esses exemplos de ações integradas permitem um conhecimento maior das capacitações da instituição, gerando maiores possibilidades de contribuição para a inovação em âmbito local.

No entanto, para que o processo de cooperação U-E tenha sucesso é necessário que faça parte de uma política da Instituição. É importante que a estrutura do órgão gestor das relações entre universidade e empresa seja ágil e permita minimizar os efeitos da burocracia. Esse órgão se ocuparia com atividades como, por exemplo, o acompanhamento jurídico na interação com o setor empresarial, o auxílio na formulação de pedidos de serviços e/ou de consultoria. Ainda se ocuparia da formulação de um conjunto flexível de regras simples e claras que regulem suas relações com empresas de portes e necessidades distintos, e da criação de programas encarregados em levantar e divulgar o potencial tecnológico da instituição e facilitar o acesso dos empresários à universidade. Cabe, pois, à instituição formular um conjunto de regras simples e claras que regulem suas relações com cada parceiro do meio externo, respeitando as peculiaridades de cada processo, visando minimizar as barreiras ao processo de cooperação. Dessa forma, estará participando mais efetivamente do esforço de desenvolvimento científico, tecnológico e econômico do País, exercendo com mais eficácia seu papel social.

Referências:

BRISOLLA, S.N. Universidade-Empresa: Os problemas de relacionamento. **Revista do Cedes**, Campinas, v.13, p.101-116, 1993.

CHAKRABARTI, A.K.; SANTORO, M.D. Firm size technology centrality in industry-university interactions. **Research Policy**, Elsevier, Sussex, Brighton. n.31, p.1163-1180, 2002.

CHAIMOVICH, H. Por uma relação mutuamente proveitosa entre Universidade de Pesquisa e Empresas. **Revista de Administração da USP – RAUSP**. São Paulo, v. 34, n.4, p.18-22, out/dez 1999.

ETZKOWITZ, H.; LEIDESDORFF, L. A triple Helix of University-industry-government relations. **Industry & Higher Education**, London, August 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, M.A.T.; VASCONCELOS, M.C.R.L. A contribuição da cooperação universidade-empresa para o conhecimento tecnológico da indústria. **Perspectiva Em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.5, n.2, p.167-18, 2000. Disponível em: www.amazonia.desenvolvimento.gov.br/tecnologia/revistas/artigos/200104mg/art03MartaCesleste.pdf. Acesso em: 10 dez. 2003.

FIALHO, F.A.D.; LIMA, I.A. A cooperação Universidade-Empresa como instrumento de desenvolvimento tecnológico. In: Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia COBENGE 2001, Porto Alegre. **Anais...**, Porto Alegre, p.46-52, 2001.

FONSECA, S.A., LORENZO, H.C. **Desafios para o apoio da universidade ao desenvolvimento local**: o caso da UNESP, campus de Araraquara. In: XXII Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica, 2002, Salvador. **Anais...** Salvador, 2002.

FONSECA, S.A. **Fatores de sucesso na transferência de tecnologia de instituições de pesquisa para o setor produtivo**. Dissertação (Mestrado em Administração) – FEA/USP, São Paulo, 1995.

FREEMAN, C. **Technology Policy and Economic Performance**: lessons from Japan. Londres: Pinter, 1987.

GRYNSZPAN, F. A visão empresarial da cooperação com a universidade. **Revista de Administração da USP – RAUSP**, São Paulo, v.34, n.4, p.23-31, out/dez 1999.

_____. Ligação universidade indústria no Brasil. In: SEMINÁRIO FRANCO-LATINOAMERICANO DE GESTÃO TECNOLÓGICA, 1985, São Paulo. **Anais...**, São Paulo, 1985, p. 1-15.

KRAHE, P.R. Cooperação entre universidades e centros de pesquisa com o setor produtivo no Brasil. **Ciência Hoje** – suplemento, v.16, n.91, p.28-31, jun.1993.

LUNDVALL, B.A. **Nacional Systems of Innovation: towards a theory of innovation and interactive learning**. London: Pinter, 1992.

MORAES, R., STAL, E. Interação empresa-universidade no Brasil. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, FGV, v.34, n.4, p.98-112, jul./ago. 1994.

PLANO nacional de extensão. **Caderno de extensão universitária**. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru: FC, p. 17-25, 2001.

PLONSKI, G. A. La Cooperación Empresa-Universidad en Iberoamerica. In **Prefácio a La Cooperación Empresa-Universidad en Iberoamerica**. Programa CYTED, São Paulo, 1992, p.7-14.

_____. A proteção do conhecimento na universidade. **Revista de Administração da USP – RAUSP**, São Paulo, v. 34, n.4, p. 46-55, out/dez 1999.

_____. Cooperação Universidade Empresa: Um desafio gerencial complexo. **Revista de Administração da USP - RAUSP**. São Paulo, v. 34, n.4, out/dez., 1999.

RUIVO, B. et al: A busca pelo desenvolvimento regional e a parceria universidade/ empresa. Um estudo de caso em Portugal. In: SEMINÁRIO LATINO-IBEROAMERICANO DE GESTIÓN TECNOLÓGICA ALTEC, 9, 2001. São José da Costa Rica. **Anais...**, São José da Costa Rica, 2001, p.1-15. Disponível em: www.ppgte.cefetpr.br/docentes/permanentes/dalcio/busca-desenvreg.pdf. Acesso em: 21 jan. 2004.

SEGATTO, Andréa Paula. **Análise do processo de cooperação tecnológica universidade-empresa: um estudo exploratório**. Dissertação (Mestrado em Administração) – FEA/USP, São Paulo, 1996.

STAL, E.; MORAES, R. Interação Empresa-Universidade no Brasil. **Revista de Administração de Empresas – RAE**, EAESP/FGV, São Paulo, v.34, n.4, p.98-112, jul/ago 1994.

STAL, E. et al. A proteção do conhecimento na universidade. **Revista de Administração da USP – RAUSP**, São Paulo, v. 34, n.4, p. 46-55, out/dez 1999.

TERRA, B. **A transferência de tecnologia em universidades empreendedoras: um caminho para a inovação tecnológica**. Rio de Janeiro: Qualitymark Ed., 2001.

STAL, Eva. A contratação empresarial da pesquisa universitária. **Revista de Administração**, São Paulo v.30, n.1, p.3-18, jan/mar 1995.

WEBSTER, A.; ETZKOWITZ H. The future of the university and the university of the future: evolution of ivory tower to entrepreneurial paradigm. **Research Policy**, v.29, p.313-330. In: TERRA, B. **A transferência de tecnologia em universidades empreendedoras: um caminho para a inovação tecnológica**. Rio de Janeiro. Qualitymark Ed., 2001.

Resumo:

Este texto procura relatar e discutir os resultados de projeto voltado ao estudo das relações entre as Universidades regionais e o meio produtivo. Buscou primeiramente, identificar o perfil das atividades de extensão realizadas pelas unidades universitárias regionais. Na seqüência, selecionar e avaliar aquelas especialmente dedicadas à transferência de tecnologia e conhecimento – capazes, pois de gerar inovações. O esforço final foi de tentar apurar o grau de articulação efetiva ou eventual existente entre as unidades e o meio externo na perspectiva selecionada.

Palavras-chave:

Relação Universidade–Meio Produtivo, Transferência de Tecnologia e Inovação, Extensão Universitária, Uniara.